



PASTORAL DA VIDA HUMANA

Webinar 18 de abril de 2024

INTRODUÇÃO

GABRIELLA GAMBINO

Subsecretária do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

PARA UMA PASTORAL DA VIDA HUMANA

WEBINAR 18 DE ABRIL DE 2024

INTRODUÇÃO

GABRIELLA GAMBINO

Uma dignidade infinita, inalienavelmente fundamentada no seu próprio ser, é inerente à pessoa humana. Isso vai além de qualquer circunstância, estado ou situação em que se encontre. À luz da Revelação, a Igreja reafirma e confirma de modo absoluto esta dignidade ontológica da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus e redimida em Cristo Jesus.

A partir dessa verdade, extrai as razões do seu engajamento a favor dos mais fracos, insistindo sempre "o primado da pessoa humana e sobre a defesa da sua dignidade para além de toda circunstância." (Dignitas infinita, 1)

Ela é intrínseca à pessoa [...] não podendo ser perdida (15). Vale desde o momento da sua concepção até a sua morte natural.(47)

No entanto, nos dias de hoje, tudo isso não é mais óbvio. Tanto é que nos sentimos confortados pela recente Declaração *Dignitas Infinita*, do Dicastério para a Doutrina da Fé. A referência à dignidade humana é agora usada com demasiada frequência de forma abusiva também para justificar novos direitos contrários ao direito fundamental à vida. (25)

Mas a Igreja reafirma claramente: *tudo o que é contra a vida opõe-se à dignidade humana, viola a integridade da pessoa, ofende a dignidade humana (cf. 34).*

As formas gravíssimas de violação da dignidade e da vida – como o aborto, a eutanásia e o suicídio, a fertilização artificial, a maternidade por substituição, toda forma de violência e abuso, incluindo a violência digital e a teoria de gênero – são um *sinal claro de uma perigosíssima crise do sentido moral, cada vez mais incapaz de distinguir entre o bem e o mal (47)*

A ideia relativizada que temos da verdade nos leva a pensar que o bem e o mal são dois polos opostos que têm o mesmo peso. Não é bem assim. Só o bem tem consistência e valor, o mal é *falta do bem devido*, a ausência do bem. A ideia de que o mal é necessário para alcançar o bem é um mito da era moderna, deriva da absolutização do princípio da autonomia e requer vigilância e ação pastoral para formar as consciências.

A relativização do valor da vida humana, além disso, estende-se também a áreas que dizem respeito ao desenvolvimento econômico-social de muitos povos do mundo, onde se manifesta a “cultura do descarté”. Há novas “periferias existenciais”, que fazem a Igreja sentir a necessidade de desenvolver novas competências para acompanhar os fiéis que procuram viver uma vida cristã: penso no suicídio de menores, que é a segunda causa de morte entre os jovens do mundo, depois dos acidentes. Ou ao cibersexo: 22 milhões de imagens de pornografia infantil circulam na web a cada ano, sem fronteiras geográficas, em cada telefone celular que conseguem alcançar. É nosso dever socorrer tanta solidão, desespero e vazio espiritual.

Por estas razões, o nosso Dicastério – que competência específica em todos os assuntos relacionados com a promoção e defesa da vida humana (*Praedicate Evangelium*, 128) – tomou a iniciativa de reunir todos vocês hoje.

Juntos, buscaremos trabalhar e refletir para construir uma ***pastoral orgânica da vida humana***, que, partindo do respeito à dignidade, à vida e à integridade de cada ser humano, seja uma expressão adequada do compromisso evangelizador e pedagógico da Igreja nas famílias, nas comunidades, nas dioceses e nas paróquias do mundo todo.

Ao ouvir os bispos nas *visitas ad limina*, bem como muitas realidades eclesiais com as quais entramos em contato nos últimos anos, percebemos que na maioria das Igrejas particulares não existe uma pastoral da vida eficaz e organizada para responder à preocupação generalizada com as graves violações da vida humana.

A complexidade dos problemas, especialmente no campo da bioética, faz com que muitos educadores não tratem deles por falta de formação. Entre os fiéis, surge uma ignorância generalizada com respeito à capacidade de formular um julgamento ético adequado, e então conformam-se com costumes que não têm nada a ver com os valores cristãos. Quando se trata de fazer escolhas dentro das famílias, prevalecem considerações utilitaristas e individualistas. Penso no aborto, no quanto é praticado hoje em diversas partes do mundo, especialmente na presença de diagnósticos de doenças fetais, mesmo que de leve gravidade. Ou no uso tão comum da fertilização *in vitro*, que envolve o descarté de milhares de vidas concebidas. Pesquisas anônimas em várias realidades eclesiais evidenciam uma profunda ignorância sobre quais são as implicações e o valor da vida dos embriões produzidos, descartados, selecionados ou congelados para sempre.

É verdade que, em muitos países, o foco nas questões da vida é mantido alto pelos movimentos pró-vida, mas muitos deles realizam sobretudo ações civis e políticas.

A pastoral, em vez disso, é uma ação propriamente *eclesial* da comunidade cristã, dos leigos e dos pastores juntos, que não pode ser delegada. As famílias e cada fiel precisam ser formados, acompanhados e aconselhados no discernimento para viverem com coerência evangélica e para não se deixarem atingir por experiências devastadoras que ferem a vida e a dignidade das próprias pessoas.

O que fazer para iniciar este caminho pastoral juntos?

A maioria das conferências episcopais está equipada, como nosso Dicastério, com um setor dedicado à Família e à Vida. No entanto, não é fácil passar da reflexão teórica à ação pastoral. Não basta instituir uma comissão pastoral e apontar um líder. A multiplicação de projetos, a improvisação, a falta de uniformidade nos objetivos, a setorialização, podem tornar ineficaz a transferência para as dioceses e paróquias do trabalho planejado em nível central.

Por isso, hoje tentaremos refletir juntos sobre o que é a pastoral da vida e como desenhá-la. Os temas, por sua vez, mudam de acordo com as realidades geográficas e culturais, e caberá a vocês identificá-los dentro das suas Igrejas particulares.

Queremos tentar construir juntos uma *inteligência eclesial* através de uma reflexão coerente, do diálogo, da escuta de algumas questões que emergem um pouco por todo o mundo, através da observação de uma realidade em que a vida humana é cada vez mais ultrajada e descartada. Precisamos “pensar juntos” e experimentar o efeito criativo de discernir e conversar no Espírito, com as limitações de um encontro via web.

Esperamos que nos ajude a viver um *processo transformador*, primeiro de nós mesmos e depois da realidade eclesial em que somos chamados a agir como *comunidade*. Lembremos que trabalhar sozinhos não é eficaz.

Os apóstolos não tinham um plano no início, mas responderam a uma vocação, a um chamamento que determinou a sua identidade de discípulos e o conteúdo da sua missão.

Talvez seja necessário repensar o estilo que usamos na pastoral, a maneira de anunciar e fazer refletir sobre valores dos quais não se fala mais em família. *Hoje, nada mais é garantido*. Assim como os jovens de hoje não se

casam porque já não se transmite dentro das famílias a compreensão do valor do casamento, os valores e critérios de discernimento baseados na nossa fé também não se transmitem. Nem mesmo o valor inviolável da vida humana, desde a concepção até a morte natural.

É preciso estimular a reflexão com um *método indutivo*, partindo das perguntas que despontam na vida prática das pessoas. São necessárias profundidade, clareza, uma linguagem simples e acessível a todos, mas com vigilância, pois se compreensível não significa ter de se tornar relativista na mensagem cristã. “A vida é sempre um bem” (*Evangelium Vitae* n. 30), e como tal deve ser apresentada, preservada e valorizada em todas as situações.

Nossa intenção hoje, portanto, é começar a refletir para **construir juntos uma ação eclesial**, para **integrar a formação dos leigos** sobre as questões urgentes da vida para o bem das pessoas e das famílias nas comunidades e nas paróquias, para **formar as consciências e acompanhar** os fiéis num discernimento cristão coerente com a antropologia cristã, o Magistério e as verdades de nossa fé.

Este projeto se insere em nosso trabalho de implantação do Family Global Compact. Devido à especificidade das questões e das competências necessárias, é uma área em que bispos e sacerdotes são convidados a trabalhar dando um *espaço particular aos leigos*, para que, em virtude das competências e experiências consolidadas que possam ter nesses assuntos, possam agir com discernimento, de acordo com o princípio da *corresponsabilidade*, e colocar-se a serviço da Igreja.

Vamos, então, dar início aos nossos trabalhos.

